



Colóquio Internacional de Filosofia da Mente

Marília/SP – 10/12/2013 a 13/12/2013

**Sociedade Brasileira de Ciência Cognitiva – SBCC
Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP/Marília
Departamento de Filosofia da UNESP/Marília
Departamento de Ciência da Informação da UNESP/Marília
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**

Anais

VII Colóquio Internacional de Filosofia da Mente
“Informação, Complexidade e Ação: novos paradigmas para o estudo da mente”

Marília/SP – 10/12/2013 a 13/12/2013



2013

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Reitor: Júlio Cezar Durigan

Vice Reitora: Marilza Vieira Cunha Rudge

:: Comissão Organizadora::

Mariana Claudia Broens (UNESP/Marília - Coordenadora)

Maria Eunice Quilici Gonzalez (UNESP/Marília)

Marcos Antonio Alves (UENP)

Kleber Cecon (UNESP/Marília)

:: Comissão de Trabalho ::

Amanda Veloso Garcia (UNESP/Marília)

Ana Luísa Constantino dos Santos (UNESP/Marília)

Jéssica Amorim do Nascimento (UNESP/Marília)

Joana Gusmão Lemos (UNESP/Marília)

João Antonio de Moraes (UNESP/Marília)

João Augusto Dias Barreira e Oliveira (UNESP/Marília)

Nathália Cristina Alves Pantaleão (UNESP/Marília)

Natália Nakano (UNESP/Marília)

:: Comissão Científica ::

André Leclerc (UFC)

Claus Emmeche (Niels Bohr Institute/Univ. of Copenhagen)

Ettore Bresciani Filho (CLE-UNICAMP)

Frederick Adams (University of Delaware)

Gustavo Maia Souza (UNOESTE)

Ítala Loffredo D Ottaviano (UNICAMP)

Ivo A. Ibri (PUC-SP)

João de Fernandes Teixeira (UFSCar)

Jonas Gonçalves Coelho (UNESP/Bauru)

Karla Chediak (UERJ)

Lauro Frederico Barbosa da Silveira (UNESP/Marília)

Maria Eunice Quilici Gonzalez (UNESP/Marília)

Mariana Claudia Broens (UNESP/Marília)

Osvaldo Pessoa Jr. (USP)

Ricardo Gudwin (UNICAMP)

Sophia Miguens (Universidade do Porto)

Susan Haack (University of Miami - EUA)

:: Elaboração dos Anais ::

João Antonio de Moraes

Marcos Antonio Alves

Amanda Veloso Garcia

APOIO:

FAPESP; PROPe; PROPG

Anais do VII Colóquio Internacional de Filosofia da Mente : *“Informação, Complexidade e Ação: novos paradigmas para o estudo da mente”* / João Antonio de Moraes; Marcos Antonio Alves; Amanda Veloso Garcia (Orgs.) – Marília, 2013

61p

1. Filosofia da Mente. 2. Informação. 3. Complexidade. 4. Ação. 5. Epistemologia.

I. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. II. Título.

SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO	9
SESSÃO DE PÔSTERES	15
SESSÃO DE COMUNICAÇÕES ORAIS	19

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

DISPOSIÇÕES E AÇÕES INTENCIONAIS

André Leclerc	22
---------------------	----

INFORMAÇÃO E AÇÃO NA PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO – ASPECTOS NEUROFISIOLÓGICOS E EVOLUTIVOS

Hamilton Haddad.....	23
----------------------	----

UMA ONTOLOGIA DO CONCEITO DE AÇÃO EM PEIRCE

Ivo A. Ibri	24
-------------------	----

HANS JONAS E O PROGRAMA ÉTICO DE HUMANIZAÇÃO DA TÉCNICA

Jelson R. de Oliveira.....	25
----------------------------	----

INFORMAÇÃO E AÇÃO NA PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO ASPECTOS COMPUTACIONAIS E DINÂMICOS

João E. Kogler Jr.	26
-------------------------	----

INFORMAÇÃO E AÇÃO MORAL RESPONSÁVEL: UMA ABORDAGEM QUANTITATIVO-INFORMACIONAL PARA O CONCEITO DE LIBERDADE

Marcos Antonio Alves.....	27
---------------------------	----

PERCEPÇÃO E AÇÃO: A COR ESTÁ NA CABEÇA?

Osvaldo Pessoa Jr.	28
-------------------------	----

A INTERAÇÃO ENTRE PROCESSOS CONSCIENTES E INCONSCIENTES NA GERAÇÃO DE COMPORTAMENTO EM UMA CRIATURA ARTIFICIAL

Ricardo R. Gudwin.....	30
------------------------	----

BELIEF IN NATURALISM: AN EPISTEMOLOGIST’S PHILOSOPHY OF MIND

Susan Haack	31
-------------------	----

RESUMOS DOS PÔSTERES

UM ESTUDO CRÍTICO ACERCA DAS TESES DA OBJETIVIDADE E NEUTRALIDADE CIENTÍFICAS	
Alan Rafael Valente.....	33
O PROBLEMA DO PENSAMENTO HEGEMÔNICO EM FILOSOFIA NO BRASIL: UMA PROPOSTA ECOLÓGICA DE ENTENDIMENTO DA FILOSOFIA	
Amanda Veloso Garcia.....	34
HYPOTHESES IN NEUROSCIENCE ABOUT THE ROLE OF CONSCIOUSNESS IN THE PRODUCTION OF ACTION AND THE AGENT CAUSATION THEORY	
Beatriz Sorrentino Marques.....	35
ANÁLISE DA ABORDAGEM DE CAUSAÇÃO MENTAL E DE INTENCIONALIDADE DE JOHN SEARLE	
Bruna Maria Lemes Duarte.	36
CONTRIBUIÇÕES DOS SISTEMAS COMPLEXOS PARA A ANÁLISE DA SEMIOSE	
Bruno Cardoso de Melo.....	37
FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DO REALISMO NA ABORDAGEM DA PERCEPÇÃO DIRETA	
Edna Alves de Souza	38
SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E COMPLEXIDADE	
Eunice Almeida Da Silva	39
UMA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA AO DUALISMO SUBSTANCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CONCEITO DE VONTADE LIVRE	
Felipe Augusto Gomide; Jéssica Lopes Carvalho; Maria Caroline Belfante; Rafael de Melo Ferreira	40
REFLEXÕES ACERCA DA AÇÃO HUMANA SEGUNDO HANS JONAS	
Franciele da Silva Leal	41
APRENDIZAGEM, CRIATIVIDADE E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: ÁREAS DE INTER-RELAÇÃO E DE COMPLEXIDADE PARA O ENSINO SUPERIOR	
Gabriela Belmont de Farias; Regina Célia Baptista Belluzzo	42
CIBERNÉTICA, INCONSCIENTE, SOCIEDADE E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO	
Iraceles Ishii dos Santos; Diego Marques Pereira dos Anjos	43

INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA A PARTIR DA MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÃO	
Jansley Ricardo da Silva Zecca	44
O CONCEITO DE INFORMAÇÃO NA OBRA ABERTA DE UMBERTO ECO	
João Paulo Martins; Vinícius Jonas de Aguiar	45
HÁBITOS MENTAIS E CORPÓREOS: UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE O PROBLEMA DA RELAÇÃO MENTE E CORPO	
Josiane Gomes de Oliveira	46
INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E AÇÃO EM UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA	
Laura Rosa Kugler de Azevedo	47
A COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DA TEORIA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE	
Maítha Elena Tosta Graciano	48
INFORMAÇÃO E MECANISMO: ALGUMAS REFLEXÕES FILOSÓFICAS	
Nathália Cristina Alves Pantaleão	49
MÁXIMA PRAGMATISTA E RAZOABILIDADE: REFLEXÕES SOBRE O PROBLEMA DIFÍCIL DA ÉTICA	
Paulo Henrique Araujo Oliveira Pereira.....	50
HONESTIDADE NA COMUNICAÇÃO ANIMAL E SUA RELAÇÃO COM TIPO DE MENTE CONSCIENTE	
Pedro Gabriel Antonio Lallo	51
AUTO-ORGANIZAÇÃO E CRIATIVIDADE: O PAPEL DO ACASO NA EMERGÊNCIA DA NOVIDADE	
Rafael Teruel Coelho; Marlon Henrique Aramor	52
SIGNIFICADO E AÇÃO: DE WITTGENSTEIN À PEIRCE	
Renan Henrique Baggio.....	53
AUTONOMIA E TECNOLOGIA: “IMPERIALISMO EPISTÊMICO”?	
Renata Silva Souza; Juliana Moroni.....	54
CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEXTO CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA DE EDGAR MORIN	
Sergio Nunes	55
A TEORIA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE HÁBITOS E HABILIDADES CONSTITUINTES DE CONHECIMENTO COMUM	
Talita Cristina Bueno Beltrão	56

A AÇÃO INTELIGENTE SEGUNDO GILBERT RYLE

Verônica Barros Sifuentes..... 57

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM COMO
MEDIADORA DAS EQUIPES DA ÁREA DA SAÚDE COM A PESSOA ASSISTIDA

Eunice Almeida da Silva 59

É POSSÍVEL UMA FILOSOFIA DA MENTE EM ARISTÓTELES?

Fred C. Trevisan; Cleverson L. Bastos..... 60

CONCEPÇÕES DE CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA SEMIÓTICA DE PEIRCE

Maria Amélia de Carvalho 61

PROGRAMAÇÃO DO EVENTO

07/12 - SÁBADO

16h30 -18h (Anfiteatro I)

Mini-Curso – Complexidade e Informação: aspectos epistemológicos / Paul Bourguine (Ecole Polytechnique – Paris)

09/12 - SEGUNDA-FEIRA

9h -12h (Anfiteatro I)

Mini-Curso – Complexidade e Informação: aspectos epistemológicos / Paul Bourguine (Ecole Polytechnique – Paris)

12h-14h - Almoço

14h30-17h30 (Anfiteatro I)

Mini-Curso – Complexidade e Informação: aspectos epistemológicos / Paul Bourguine (Ecole Polytechnique – Paris)

10/12 - TERÇA-FEIRA

9h-10h30 (Anfiteatro I)

Mini-Curso – Complexidade e Informação: aspectos epistemológicos / Paul Bourguine (Ecole Polytechnique – Paris)

12h-14h - Almoço

14h-16h (Anfiteatro I)

Workshop: Percepção e Cognição

Hamilton Haddad Junior (USP)

João Kogler (USP)

Mediadora: Mariana Claudia Broens (UNESP/Marília)

16h-16h30 – Coffee Break

16h30 - 18h (Anfiteatro I)

Workshop 3: Complexidade e Semiótica

Ramon Capelle de Souza Andrade (UNILab)

Mediadoras: Maria Eunice Quilici Gonzalez (UNESP/Marília)

19h30-20h (Anfiteatro I)

Mesa de Abertura

José Carlos Miguel (Diretor da FFC-UNESP)

Reinaldo Sampaio Pereira (Coord. do PPGFil-UNESP)

Pedro Ap. Novelli (Chefe do Deptº de Filosofia-UNESP)

Mariana Claudia Broens (Coord. do VII CIFM)

20h-22h30 (Anfiteatro I)

Conferência

Paradigm of Complexity and models of embodied intelligence

Paul Bourguine (Ecole Polytechnique – Paris)

Mediadora: Mariana Claudia Broens (UNESP/Marília)

11/12 - QUARTA-FEIRA

14h-16h (Anfiteatro I)

Mesa Redonda: Informação e Ação: o impacto das novas tecnologias informacionais

Jelson Roberto de Oliveira (PUC/PR)

Maria Eunice Quilici Gonzalez (UNESP/Marília)

Alfredo Pereira Jr. (UNESP/Botucatu)

Mediadora: Edna Alves de Souza

16h-16h30 – Coffee Break

16h30-18h30 - SESSÃO DE PÔSTER I

Coordenadores: Marcos Antonio Alves, João Antonio de Moraes, Sérgio Nunes

19h30 - 22h30 (Anfiteatro I)

Conferências

Disposições e Ações Intencionais

André Leclerc (UFC)

Belief in Naturalism: An Epistemologist's Philosophy of Mind

Susan Haack (University of Miami)

Mediador: Marcos Antonio Alves (UENP)

12/12 - QUINTA-FEIRA

14h-16h

Mesa Redonda: Contribuições da Semiótica para o estudo da informação, mente e ação

Ivo A. Ibri (PUC/SP)

Ricardo Gudwin (UNICAMP)

Max R. Vicentini (UEM)

Mediador: Ramon Capelle de Andrade (UniLab)

16h-16h30 – Coffee Break

16h30 – 17h30 - SESSÃO DE PÔSTER II

19h30-20h00 (Anfiteatro I)

Reunião da Sociedade Brasileira de Ciência Cognitiva

Coordenador: Marcos Antonio Alves

20h30 – 22h30 (Anfiteatro I)

Conferência

Percepção e ação: a cor está na cabeça?

Oswaldo Pessoa Jr. (USP)

Mediador: Kleber Cecon (UNESP/Marília)

13/12 - SEXTA-FEIRA

14h30-16h00

SESSÃO DE POSTER III

16h-16h30 – Coffee Break

16h30-17h30

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES – CIFM (Anfiteatro I)

Coordenador: João Antonio de Moraes

19h30-22h30 (Anfiteatro I)

Mesa Redonda: Informação, Complexidade e Ação: novos paradigmas no estudo da mente

Ivan Domingues (UFMG)

Mediador: Pedro Ap. Novelli (UNESP/Marília)

Encerramento e Premiação

Mariana Claudia Broens

VII INTERNATIONAL COLLOQUIUM ON PHILOSOPHY OF MIND

Information, complexity and action: new paradigms on the study of mind

SCHEDULE

07/12 - SATURDAY

16h30 -18h (Amphitheatre I)

Mini Course - Complexity and Information: epistemological aspects

Paul Bourguin (Ecole Polytechnique – Paris)

09/12 - MONDAY

9h -12h (Amphitheatre I)

Mini Course - Complexity and Information: epistemological aspects

Paul Bourguin (Ecole Polytechnique – Paris)

12h-14h - Lunch

14h30-17h30 (Amphitheatre I)

Mini Course - Complexity and Information: epistemological aspects

Paul Bourguin (Ecole Polytechnique – Paris)

10/12 - TUESDAY

9h-10h (Amphitheatre I)

Mini Course - Complexity and Information: epistemological aspects

Paul Bourguin (Ecole Polytechnique – Paris)

12h-14h - Lunch

14h-16h (Amphitheatre I)

Workshop: Perception and Cognition

Hamilton Haddad Junior (USP)

João Kogler (USP)

Moderator: Mariana Claudia Broens UNESP/Marília)

Marília/SP – 2013

16h-16h30 – Coffee Break

16h30 - 18h (Amphitheatre I)

Workshop 2: Complexity and Semiotics

Ramon Capelle de Souza Andrade (UNILab)

Moderators: Plácida L. V. A. Costa Santos (UNESP/Marília)

19h30-20h (Amphitheatre I)

Opening session

José Carlos Miguel (Director da FFC-UNESP)

Reinaldo Sampaio Pereira (Coord. do PPGFil-UNESP)

Pedro Ap. Novelli (Chefe do Deptº de Filosofia-UNESP)

Mariana Claudia Broens (Coord. do VII CIFM)

20h-22h30 (Amphitheatre I)

Conference

Paradigm of Complexity and models of embodied intelligence

Paul Bourguin (Ecole Polytechnique – Paris)

Moderator: Mariana Claudia Broens (UNESP/Marília)

11/12 - WEDNESDAY

14h-16h (Amphitheatre I)

Roundtable: Information and action: impacts of new information technologies

Jelson Roberto de Oliveira (PUC/PR)

Maria Eunice Quilici Gonzalez (UNESP/Marília)

Alfredo Pereira Jr. (UNESP/Botucatu)

Moderadora: Edna Alves de Souza

16h-16h30 – Coffee Break

16h30 – 18h30 - POSTER SESSION I (Room 64)

Coordenators: Marcos Antonio Alves, João Antonio de Moraes, Sérgio Nunes, Natália

Nakano, Edberto Ferneda

19h30 - 22h30 (Amphitheatre I)

Conferences

Dispositions and intentional actions

André Leclerc (UFC)

Belief in Naturalism: An Epistemologist's Philosophy of Mind

Susan Haack (University of Miami)

Moderator: Marcos Antonio Alves (UENP)

12/12 - THURSDAY

14h-16h

Roundtable: Contributions of Semiotics to the study of information, mind and action

Ivo A. Ibri (PUC/SP)

Ricardo Gudwin (UNICAMP)

Max R. Vicentini (UEM)

Moderator: Ramon Capelle de Andrade (UniLab)

16h-16h30 – Coffee Break

16h30 – 17h30 - POSTER SESSION II (Room 64)

19h30-20h00 (Amphitheatre I)

Meeting of the Brazilian Society of Cognitive Science

Coordinator: Marcos Antonio Alves

20h00 – 22h30 (Amphitheatre I)

Conference

Perception and action: is the colour in the head?

Osvaldo Pessoa Jr. (USP)

Moderator: Kleber Cecon (UNESP/Marília)

13/12 - FRIDAY

14h30-16h00

POSTER SESSION III (Room 64)

16h-16h30 – Coffee Break

16h30-17h30

COMMUNICATION SESSION – (Amphitheatre I)

Coordinator: João Antonio de Moraes

20h30-22h30 (Amphitheatre I)

Roundtable: Information, Complexity and Action: New paradigms in the study of the mind

Ivan Domingues (UFMG)

Moderator: Pedro Ap. Novelli (UNESP/Marília)

Closing and awards

Mariana Claudia Broens

SESSÃO DE PÔSTERES

UM ESTUDO CRÍTICO ACERCA DAS TESES DA OBJETIVIDADE E NEUTRALIDADE CIENTÍFICAS

Alan Rafael Valente (UENP)

O PROBLEMA DO PENSAMENTO HEGEMÔNICO EM FILOSOFIA NO BRASIL: UMA PROPOSTA ECOLÓGICA DE ENTENDIMENTO DA FILOSOFIA

Amanda Veloso Garcia (UNESP/Marília)

HYPOTHESES IN NEUROSCIENCE ABOUT THE ROLE OF CONSCIOUSNESS IN THE PRODUCTION OF ACTION AND THE AGENT CAUSATION THEORY

Beatriz Sorrentino Marques (USP)

ANÁLISE DA ABORDAGEM DE CAUSAÇÃO MENTAL E DE INTENCIONALIDADE DE JOHN SEARLE

Bruna Maria Lemes Duarte (UNESP/Marília)

CONTRIBUIÇÕES DOS SISTEMAS COMPLEXOS PARA A ANÁLISE DA SEMIOSE

Bruno Cardoso de Melo (UNESP/Marília)

UMA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA AO DUALISMO SUBSTANCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CONCEITO DE VONTADE LIVRE

Felipe Augusto Gomide (UNESP/Marília)

Jéssica Lopes Carvalho (UNESP/Marília)

Maria Caroline Belfante (UNESP/Marília)

Rafael de Melo Ferreira (UNESP/Marília)

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E COMPLEXIDADE

Eunice Almeida Da Silva (USP)

REFLEXÕES ACERCA DA AÇÃO HUMANA SEGUNDO HANS JONAS

Franciele da Silva Leal (UENP)

APRENDIZAGEM, CRIATIVIDADE E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: ÁREAS DE INTER-RELAÇÃO E DE COMPLEXIDADE PARA O ENSINO SUPERIOR

Gabriela Belmont de Farias (UFC, UNESP/Marília)

Regina Célia Baptista Belluzzo (UNESP/Marília).

CIBERNÉTICA, INCONSCIENTE, SOCIEDADE E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO

Iraceles Ishii dos Santos (UNESP/Marília)

Diego Marques Pereira dos Anjos (UNESP/Marília)

INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA A PARTIR DA MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÃO

Jansley Ricardo da Silva Zecca (UENP)

HÁBITOS MENTAIS E CORPÓREOS: UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE O PROBLEMA DA RELAÇÃO MENTE E CORPO

Josiane Gomes de Oliveira (UENP)

INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E AÇÃO EM UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA

Laura Rosa Kugler de Azevedo (UNESP/Marília)

A COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DA TEORIA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Maítha Elena Tosta Graciano (UNESP/Marília)

INFORMAÇÃO E MECANISMO: ALGUMAS REFLEXÕES FILOSÓFICAS

Nathália Cristina Alves Pantaleão (UNESP/Marília)

MÁXIMA PRAGMATISTA E RAZOABILIDADE: REFLEXÕES SOBRE O PROBLEMA DIFÍCIL DA ÉTICA

Paulo Henrique Araujo Oliveira Pereira (UNESP/Marília)

HONESTIDADE NA COMUNICAÇÃO ANIMAL E SUA RELAÇÃO COM TIPO DE MENTE CONSCIENTE

Pedro Gabriel Antonio Lallo (UNESP/Marília)

AUTO-ORGANIZAÇÃO E CRIATIVIDADE: O PAPEL DO ACASO NA EMERGÊNCIA DA NOVIDADE

Rafael Teruel Coelho (UNESP/Marília)

Marlon Henrique Aramor (UNESP/Marília)

SIGNIFICADO E AÇÃO: DE WITTGENSTEIN À PEIRCE

Renan H. Baggio (UENP)

AUTONOMIA E TECNOLOGIA: “IMPERIALISMO EPISTÊMICO”?

Renata Silva Souza (UNESP/Marília)

Juliana Moroni (UERJ)

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEXTO CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA DE EDGAR MORIN

Sergio Nunes (UFPA, UNESP/Marília)

**A TEORIA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE HÁBITOS E
HABILIDADES CONSTITUINTES DE CONHECIMENTO COMUM**

Talita Cristina Bueno Beltrão (UNESP/Marília)

A AÇÃO INTELIGENTE SEGUNDO GILBERT RYLE

Verônica Barros Sifuentes (UNESP/Marília)

O CONCEITO DE INFORMAÇÃO NA OBRA ABERTA DE UMBERTO ECO

João Paulo Martins (UNESP/Marília) Vinícius Jonas de Aguiar (UNESP/Marília)

SESSÃO DE COMUNICAÇÕES ORAIS

É POSSÍVEL UMA FILOSOFIA DA MENTE EM ARISTÓTELES?

Fred C. Trevisan (PUC/PR)

Cleverson L. Bastos (PUC/PR)

**A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM COMO
MEDIADORA DAS EQUIPES DA ÁREA DA SAÚDE COM A PESSOA
ASSISTIDA**

Eunice Almeida da Silva (USP)

**CONCEPÇÕES DE CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA SEMIÓTICA DE
PEIRCE**

Maria Amélia de Carvalho (UNESP/Marília)

RESUMOS DAS CONFERÊNCIAS

DISPOSIÇÕES E AÇÕES INTENCIONAIS

André Leclerc – Departamento de Filosofia, UFC - CNPq

Somos pessoas e pessoas são agentes. Ser agente é nossa característica mais importante. O que faz de nós agentes é o fato de ser *capazes* de fazer “acontecer algo” que seja *apropriado* às circunstâncias da ação, é a capacidade de realizar ajustes intencionais em nosso ambiente imediato. Esses ajustes são respostas do agente a o que é percebido no ambiente, e o que é percebido é percebido, em muitos casos, como *signo* de algo *típico* que está por vir. Capacidades, habilidades e hábitos são disposições. Intenções também são disposições, mas, ao contrário das habilidades e hábitos, elas não requerem repetições ou treinamento e têm uma função diferente da dos hábitos. Hábitos são disposições que causam diretamente suas manifestações típicas sob certas circunstâncias favoráveis, enquanto intenções são disposições que estruturam as atividades como um todo. As disposições psicológicas em geral são muito importantes em termos explanatórios e podem explicar os movimentos voluntários que compõem nossas ações bem como as ações realizadas por agentes racionais como partes de um plano.

INFORMAÇÃO E AÇÃO NA PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO – ASPECTOS NEUROFISIOLÓGICOS E EVOLUTIVOS

Hamilton Haddad - USP

É o conjunto de transformações sensoriais operadas em nossos cérebros que nos coloca em contato com o mundo. É, no entanto, o conjunto de nossas ações que decide entre nossa permanência ou deleção desse mesmo mundo. Nos primatas, em particular nos seres humanos, a percepção visual constitui-se na principal fonte de informações sobre o ambiente. Portanto, dada sua importância na aquisição de conhecimento e emissão de respostas comportamentais, a dicotomia percepção-ação tem sido extensamente investigada nos últimos anos. Apresentaremos evidências neurofisiológicas, evolutivas e psicofísicas para a existência de dois sistemas corticais visuais bastante distintos, denominados *ventral* e *dorsal*. Essas duas vias de processamento da informação visual diferem em suas funções: enquanto o sistema ventral – filogeneticamente mais recente – está envolvido primordialmente na identificação consciente de objetos no mundo, isto é, na construção de representações do mundo exterior, o sistema dorsal seria responsável pelo controle visual inconsciente do comportamento motor, participando assim do planejamento e execução de ações visualmente guiadas. Concluiremos abordaremos as semelhanças entre abordagens ecológicas da percepção visual e o funcionamento do sistema dorsal, bem como entre abordagens construtivistas e o funcionamento do sistema ventral.

UMA ONTOLOGIA DO CONCEITO DE AÇÃO EM PEIRCE

Ivo A. Ibri - Centro de Estudos de Pragmatismo, PUCSP - CNPq

O conceito de *ação* é central em várias correntes do pragmatismo, notadamente aquelas que o tomam como um fim que se justifica por produzir *efeitos práticos*, a saber, efeitos que, ao fim e ao cabo, importam para o significado das teorias, cujo universo semântico volta-se para a solução de problemas *humanos* ou, em outros termos, *vitais*. Peirce, em diversas ocasiões, fez restrições a esta concepção de ação que, originária de seus contemporâneos James e Dewey, e sabemos hoje extensível ao neopragmatismo rortyano, a tomava como um fim em si mesmo, num errôneo e nominalista entendimento do conceito de *efeitos práticos*. Tal concepção, segundo Peirce, deixava à margem a generalização necessária e constitutiva do crescimento conceitual que o agir proporcionava, ou seja, desconsiderando-se o cerne semântico do pragmatismo, em seu aspecto reflexivo afeito ao diálogo semiótico entre o particular da ação com o geral do pensamento. De outro lado, tomando-se como eixo de reflexão na filosofia de Peirce suas categorias, o conceito de ação assume um aspecto ontológico, ligado às idéias metafísicas de *existência* e *mundo exterior*. Tal abordagem proporciona um conceito diferenciado de *significação* que se amplia e se harmoniza com uma filosofia realista, não antropocêntrica, como é a de Peirce. Este trabalho buscará mostrar, assim, a crítica de Peirce às visões reducionistas do conceito de ação e, sequencialmente, uma abordagem ontológica do conceito à luz das categorias do autor.

HANS JONAS E O PROGRAMA ÉTICO DE HUMANIZAÇÃO DA TÉCNICA

Jelson R. de Oliveira – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, PUCPR

O diagnóstico realizado por Hans Jonas a respeito do cenário tecnológico moderno parte de duas constatações: [1] a técnica é expressão ontológica da liberdade que marca a vida do ponto de vista evolutiva e [2] ela é um poder que adquiriu, na modernidade, um poder de crescente magnitude e ambiguidade para o qual as éticas tradicionais não seriam suficientes. Jonas propõe uma análise da dinâmica formal e do conteúdo substancial da técnica a partir de uma distinção entre a técnica pré-moderna e a moderna. Esta última seria marcada por seis estágios, marcados por um otimismo de cunho utópico e ao mesmo tempo apocalíptico: mecânica (tida pelo autor como o primeiro estágio do desenvolvimento tecnológico), química (que ofereceu a possibilidade de interferir, alterar e redesenhar os próprios padrões naturais, gerando um novo âmbito de artificialidade), tecnologia elétrica (que ampliou o âmbito da artificialidade, já que a eletricidade é uma força manipulável criada pelo homem), eletrônica (que descarta definitivamente a ideia de uma imitação da natureza, para inventar objetos, objetivos e necessidades próprias), até a biológica (tida como a última fase e a mais poderosa e perigosa de todas). Dado que os antigos valores não são mais suficientes para enfrentar os novos desafios, Jonas afirma que é preciso que seja desenvolvido uma qualificada capacidade preventiva e a admissão da austeridade como valor primeiro. A isso o autor chama de “humanização da técnica”.

INFORMAÇÃO E AÇÃO NA PERCEPÇÃO E COGNIÇÃO ASPECTOS COMPUTACIONAIS E DINÂMICOS

João E. Kogler Jr. – Escola Politécnica, USP

Esta seção partirá dos fatos e concepções abordados pela neurociência e discutirá a percepção e a cognição quanto às suas relações com informação e ação. Em linhas gerais, as ideias a serem abordadas serão: 1. O tratamento da informação dos primeiros estágios do sistema visual até o córtex visual primário. 2. O reconhecimento de padrões e a via ventral. 3. Ação, atenção e a percepção na via dorsal. Faremos considerações quanto à natureza da percepção visual face ao comportamento do observador e sua relação com a cena e o ambiente, sob o ponto de vista da informação visual. Compararemos alguns modelos originais, particularmente o de Gibson e o de Marr, segundo uma releitura atualizada em face às descobertas da neurociência, confrontando a reconstrução perceptual versus a percepção para ação. Consideraremos tópicos de percepção direta versus indireta, codificação, filtragem e predição com um tratamento conceitual. Abordaremos os conceitos de *affordances* e *array* ótico de Gibson e faremos considerações sobre sua teoria ecológica da visão, comparando-a com a teoria computacional de Marr. Discutiremos a natureza da representação em visão, à luz das concepções das vias ventral e dorsal, apoiando-se nos aspectos de neurociência discutidos na 1ª parte. Faremos algumas considerações sobre aprendizagem neuro-computacional e estatística e seu uso em modelagem na percepção visual. Finalmente, ensinaremos uma discussão sobre as relações entre esses princípios da percepção e os componentes cognitivos.

INFORMAÇÃO E AÇÃO MORAL RESPONSÁVEL: UMA ABORDAGEM QUANTITATIVO-INFORMACIONAL PARA O CONCEITO DE LIBERDADE

Marcos Antonio Alves – Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Grupo Interdisciplinar de Estudos em Lógica e Epistemologia – GIELE. Email:marcosalves@uenp.edu.br

Neste trabalho, propomos uma noção quantitativo-informacional da liberdade. Defendemos a hipótese de que, apesar de ser possível tal abordagem, ela não é suficiente para esclarecer as características centrais da liberdade. Utilizamos como ponto de partida a noção quantitativa de informação, desenvolvida por pensadores como Shannon e Weaver, no contexto da Teoria Matemática da Comunicação. Nesta perspectiva, só pode haver informação onde há alternativas de escolha, seleção ou discriminação. A informação em uma mensagem é medida pela liberdade de escolha que se tem ao selecioná-la, baseada em uma fonte de informações; Relaciona-se não ao que você *realmente* diz, mas ao que *poderia* dizer. É uma medida da liberdade de escolha quando se seleciona uma mensagem. Uma vez estabelecida a concepção de informação, expomos uma concepção de liberdade, um dos elementos básicos da responsabilidade moral, baseados na proposta Aristotélica. A liberdade pressupõe eleição, que se coloca quando escolhemos uma coisa em preferência à outra. É a possibilidade de escolher uma maneira de comportamento e de agir realmente na direção escolhida. Expomos, em seguida, as noções de Vício e de Virtude Moral. A *virtude moral* é a ação mediana entre dois extremos, excesso e falta daquilo que uma situação particular pede para o momento. Já o *vício* pode ser tanto o excesso quanto a falta, uma espécie de erro. Uma vez estabelecidos os conceitos básicos, introduzimos uma noção quantitativo-informacional da liberdade: a liberdade de um agente em uma dada situação é medida pela quantidade de informação associada à fonte geradora da ação. Mostramos que, quanto maior a possibilidade de escolha de um agente em uma situação, mais livre é a sua ação. A liberdade atinge seu valor máximo em uma situação quando todas as ações tiverem a mesma chance de serem realizadas. Por outro lado, ela é nula quando apenas uma ação pode efetivamente ocorrer. Embora seja possível medir o grau de liberdade de um agente em uma situação, esta concepção apresenta alguns problemas. Em primeiro lugar, não distingue o vício da virtude. Embora possamos reconhecer agentes viciados ou virtuosos, aqueles cuja quantidade de informação em suas ações é baixa, não é possível distinguir uma da outra. Em segundo lugar, essa concepção não explica porque um agente escolhe um curso de ação; tampouco expressa o que é, efetivamente, a liberdade. Mostramos que estes elementos poderiam ser explicados adequadamente em propostas baseadas em uma concepção semântica da informação, no contexto da teoria dos sistemas dinâmicos.

PERCEPÇÃO E AÇÃO: A COR ESTÁ NA CABEÇA?

Oswaldo Pessoa Jr. - Depto de Filosofia FFLCH – USP. Email: opessoa@usp.br

A análise clássica da percepção sensorial, como a de Locke, partia da noção de que o mundo físico consiste de coisas possuidoras de qualidades primárias, como forma, tamanho, número, arranjo, movimento e solidez. Certas estruturas primárias (chamadas por ele de qualidades secundárias) teriam a potência de gerar em nós as qualidades subjetivas sensoriais, como cores, sons e cheiros. O termo “cor” poderia, assim, ser associado à qualidade secundária existente no mundo externo, como em uma flor violeta, ou à qualidade subjetiva (*qualia*) em nós gerada, a “violeteza” a que temos acesso de maneira fenomênica. Neste trabalho, investiga-se o aspecto subjetivo das cores, que chamarei de “coloridão”, por analogia às adjetivações usadas para exprimir os *qualia* das cores (azulidão, verdura, marronzice, etc.). A tese a ser defendida é que a coloridão localiza-se no cérebro dos animais que a vivenciam.

Um argumento preliminar chama atenção para as faixas que são visíveis em um arco-íris: em termos físicos e objetivos, tais faixas discretas não existem, pois todas as propriedades físicas do arco-íris variam *continuamente* ao longo do raio do arco. Assim, fica patente que as faixas são criações de nosso aparelho perceptivo e cérebro, sugerindo fortemente que as cores também sejam criadas no cérebro.

A concepção sendo sugerida é chamada de “subjetivismo das cores”, e foi defendida explicitamente por Demócrito, Galileo, boa parte da tradição científica e, mais recentemente, no contexto da filosofia, por Hardin (1988).

Uma tradição oposta, chamada de “objetivismo (ou realismo) das cores”, mas que denotarei por “externismo das cores”, afirma que as cores (ou melhor, a coloridão) são propriedades reais das coisas externas ao ser humano (como fazem Byrne & Hilbert, 1987). Dadas as dificuldades de sustentar esta concepção, mas mantendo a oposição à visão dominante entre cientistas das cores (o subjetivismo), muitos filósofos têm aderido a concepções *relacionistas*. Antes de explorar três destas concepções, vale mencionar a existência de uma outra posição, o “primitivismo”, que considera a coloridão um primitivo, irreduzível a outros conceitos.

O “disposicionalismo” é a clássica tese relacionista de que as cores são disposições (qualidades secundárias) para produzir em nós uma certa sensação. A concepção de Locke oscila entre um subjetivismo, quando salienta que os *qualia* das cores (a coloridão) são produzidos em nós, e um disposicionalismo, quando sugere que a coloridão são as disposições. Note que dizer que “as cores são disposições” nada mais é do que uma versão do subjetivismo, se por “cores” se entende algo distinto da coloridão; em outras palavras, o disposicionalismo defende que a *coloridão* é uma disposição das coisas reais externas em relação à presença de um observador apropriado.

Outra visão relacionista é a concepção *ecológica* de Thompson (1995), inspirada nas ideias de J.J. Gibson. O observador é considerado um animal ativo, não um espectador passivo como na visão subjetivista, e o mundo externo é um “ambiente”,

inseparável do animal. Em termos evolutivos, a visão dos primatas teria se adaptado às cores das frutas maduras, mas, de maneira inversa, as cores das frutas também coevoluíram em função das capacidades de percepção cromáticas dos primatas e outros animais.

Uma terceira visão relacionista proposta no meio filosófico é o “perspectivismo de cores” de Giere (2006, p. 32), a concepção segundo a qual os seres humanos (e uma classe de animais) vivenciam o mundo a partir de uma perspectiva colorida. Diferentes seres humanos (por exemplo, um daltônico e um tricromata) veem a mesma realidade externa de diferentes perspectivas.

O arcabouço explicativo do relacionismo é mais amplo do que o subjetivismo, simplesmente porque ele inclui duas variáveis para a explicação (o externo e o sujeito), ao passo que o subjetivismo só dispõe de uma variável. Por exemplo, esta posição poderia defender que toda vivência cromática envolve necessariamente estímulo da área cortical V4, já que a lesão a esta área envolve a acromatopsia cerebral (ou seja, a ausência de percepção de cores). Um estímulo artificial à área V4, feito diretamente sobre o cérebro aberto (por exemplo, em uma cirurgia), levaria à vivência de cores. Diante deste dado, uma posição relacionista poderia ressaltar que a visão normal envolve a *relação* entre uma cena externa e atividade do observador que inclua a área V4, e o estímulo artificial de cores envolveria a *relação* entre o bisturi e a área V4, etc. No entanto, se houver uma única causa em comum a todas essas explicações relacionistas, estamos justificados (pelo método indutivo da concordância, de Mill) em considerar que a causa em comum (ativação da área V4) é causa necessária e suficiente para a geração de cores, mantidas as condições basais de funcionamento do cérebro.

Nesta defesa do subjetivismo, porém, sugeriremos que a coloridão não é gerada na área V4, mas sim em áreas corticais superiores que mantenham circuitos reverberativos (ou seja, com *feedback*). Discutiremos a tese de que os qualia cromáticos, assim como as outras variedades de qualia, emergem de regiões cerebrais não só com adequada condição organizacional Σ (sigma), descritas pelo funcionalismo (e provavelmente envolvendo circuitos reverberativos específicos), mas também com um princípio material específico ω (ômega), o qual ainda é desconhecido.

Segundo esta concepção, a substituição de cada neurônio por uma célula sintética (Searle, 1997, cap. 3), mantendo-se as relações entre as partes (ou seja, as conexões entre as células neuronais, e suas relações com as células gliais, hormônios e outras partes microscópicas do sistema), só poderá conservar a consciência do sujeito se essa substituição mantiver o princípio material ω de cada célula.

A INTERAÇÃO ENTRE PROCESSOS CONSCIENTES E INCONSCIENTES NA GERAÇÃO DE COMPORTAMENTO EM UMA CRIATURA ARTIFICIAL

Ricardo R. Gudwin - Faculdade de Engenharia Elétrica e Computação, UNICAMP

O desenvolvimento de arquiteturas cognitivas cada vez mais sofisticadas fez crescer a diversidade de propostas de modelos cognitivos para os processos de percepção, memória, motivação, atenção, emoções, raciocínio, aprendizagem, planejamento, seleção de ação e execução de comportamentos, chegando até aos fenômenos de consciência, linguagem e meta-cognição. Um modelo bastante popular para o fenômeno da consciência é a Teoria do *Workspace* Global, de Bernard Baars, que já envidou o desenvolvimento de diversas propostas de implementação computacional em arquiteturas cognitivas. Segundo esse modelo, a consciência é a emergência de um *stream* serial sobre um sistema paralelo de agentes autônomos interagindo entre si, utilizando para isso uma competição entre os agentes para ganhar esse acesso privilegiado e o posterior *broadcast* da informação desses agentes ganhadores da competição para todos os outros agentes. Essa junção de competição mais *broadcast* permite o surgimento desse *stream* serial, a consciência, que passa a coordenar funções executivas de alto nível, ao mesmo tempo que leva à formação de novas coalizões de agentes, as especializadas em executar tarefas inconscientes, em um aprendizado cumulativo de novas habilidades para o sistema. Um fenômeno entretanto ainda pouco estudado é como se dá em detalhes essa interação entre processos conscientes e inconscientes na geração de novos comportamentos. No caso do comportamento humano, grande parte de nossas ações de baixo nível são completamente inconscientes, as vezes até mesmo reflexos reativos, sendo coordenados de tempos em tempos por ações e decisões conscientes. Neste trabalho, propomos um modelo de geração de comportamento com múltiplas camadas, sendo que nas camadas mais baixas o comportamento é gerado por mecanismos automáticos, reativos ou motivacionais (inconscientes). Esses comportamentos, entretanto, possuem um mecanismo de extensão, por meio do qual mecanismos deliberativos (conscientes) podem interferir nesse comportamento mais automático, resultando uma geração complexa de comportamentos em que processos conscientes e inconscientes interagem para controlar as ações de uma criatura artificial. Parte desse comportamento inclui a realização de "experimentos" no ambiente, por parte da criatura artificial, de forma a desenvolver novas habilidades, em um processo de automatização cumulativa do comportamento especializado, característico da espécie humana, e que pretendemos também desenvolver em criaturas artificiais.

BELIEF IN NATURALISM: AN EPISTEMOLOGIST’S PHILOSOPHY OF MIND

Susan Haack - University of Miami

My title, “Belief in Naturalism,” signals, not that I adopt naturalism as an article of faith, but that my purpose is to shed some light on what belief is, on why the concept of belief is needed in epistemology, and how all this relates to debates about epistemological naturalism. After clarifying the many varieties of naturalism, philosophical and other (§1), and then the various forms of epistemological naturalism specifically (§2), I offer a theory of belief in which three elements—the behavioral, the neuro- physiological, and the socio-historical—interlock (§section 3). I can then apply this theory to resolve some contested questions: about the relation of belief and truth; about whether animals and pre-linguistic infants have beliefs; about the fallibility of introspection; and about self-deception (§4).

RESUMOS DOS PÔSTERES

Um estudo crítico acerca das teses da objetividade e neutralidade científicas

Alan Rafael Valente. Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). Email: valente.alan@hotmail.com

Orientador: Marcos Antônio Alves.

Neste trabalho, visamos analisar criticamente as teses da objetividade e neutralidade científicas, avaliando a possibilidade do conhecimento científico ser isento de influências valorativas. Segundo certas concepções epistemológicas, como a postura Empirista Lógica, o conhecimento científico é impessoal, imparcial, desinteressado, objetivo e neutro. Nesse sentido, enquanto processo de investigação metódica, a ciência, etimologicamente *scientia* (saber), permite distinguir o falso do verdadeiro, o acidental do necessário, o subjetivo do objetivo. Duas teses basilares dessa concepção de ciência e de conhecimento científico são as da objetividade e neutralidade. Ambas as teses estão relacionadas à ideia de que o conhecimento científico é livre de valores. A tese da objetividade científica sustenta que deve ser feito um estudo imparcial da realidade, dos fenômenos investigados. A criação ou escolha de teorias deve ser independente de valores, tais como religiosos, políticos, econômicos e subjetivos. A tese da neutralidade científica, por sua vez, relaciona-se à aplicação prática de teorias e descobertas. A ação resultante das descobertas científicas não deve privilegiar classes, credos, ideologias, sejam elas políticas, religiosas, culturais etc. Nenhuma consequência lógica ou prática de uma teoria pode privilegiar quaisquer valores, sejam eles individuais ou coletivos. Neste trabalho, expomos, inicialmente, alguns pressupostos envolvidos na proposta da objetividade e neutralidade científicas, segundo o Empirismo Lógico. Dentre eles a concepção de que a ciência começa com a observação e de que a observação fornece uma base segura para o conhecimento. Em seguida, expomos a crítica a tais pressupostos, baseados na proposta de Hanson, que procura minar a possibilidade de uma observação genuína. Para ele, a observação é teórico-carregada, ou seja, influenciada por valores, especialmente cognitivos. Procuramos avaliar as consequências desta crítica às teses da objetividade e neutralidade científicas.

O PROBLEMA DO PENSAMENTO HEGEMÔNICO EM FILOSOFIA NO BRASIL: UMA PROPOSTA ECOLÓGICA DE ENTENDIMENTO DA FILOSOFIA

Amanda Veloso Garcia. Graduada em Filosofia pela UNESP/Marília. Email: amanda.hipotenusa@gmail.com

Orientadora: Maria Eunice Quilici Gonzalez.

Ao longo da história o termo “Filosofia” vem sendo empregado para definir uma maneira específica de pensar. Esta tradição, discursiva e sistemática, parte de ditames próprios do modo de filosofar europeu com seus respectivos problemas, questões e soluções. Embora houvesse pensamento em outros continentes, considera-se que a Filosofia nasceu na Europa, como se observa na etimologia da palavra (do grego *philo* = amor/amizade + *sophia* = sabedoria), e, assim, ainda hoje a prática filosófica se encontra ligada à filosofia europeia. Desse modo, se delineou um paradigma que selecionou as formas de pensamento passíveis de serem consideradas “Filosofia” promovendo a exclusão das epistemologias que não se adequam aos moldes europeus tais quais o pensamento indígena, africano e latino-americano. Tal soberania epistêmica ultrapassa o domínio da legitimação externa e passa a ser fator presente inclusive no pensamento daqueles que se encontram à margem que acabam por reproduzir tal vocabulário e ideário. Por exemplo, a existência de uma Filosofia brasileira vem sendo desacreditada até mesmo em território nacional. Esse processo de soberania epistêmica e filosófica é decorrência de um sistema que vem sendo chamado de *colonialidade* que manteve através das relações de poder e acumulação de capital as formas de colonização e subjugação dos povos. Diante deste cenário, neste trabalho, inicialmente apresentaremos a argumentação que defende a inexistência de uma Filosofia Brasileira e o contexto em que esta emerge a fim de compreender o que embasa tal ideia. Após isto, a partir do conceito de *colonialidade* delinearíamos a existência e surgimento do pensamento hegemônico no Brasil e sua especificidade na Filosofia. Por fim, apresentaremos a proposta de uma “ecologia de saberes” a fim de abarcar as diferentes formas de filosofar. Tal abordagem entende a Filosofia como formas de perceber e agir no mundo não se restringindo necessariamente a uma prática discursiva e específica. Procuramos propor no rol da Filosofia, disciplina intrinsecamente relacionada ao pensar, a possibilidade de um pensamento autônomo, um pensamento que nasça da ação cotidiana e das especificidades do contexto.

HYPOTHESES IN NEUROSCIENCE ABOUT THE ROLE OF CONSCIOUSNESS IN THE PRODUCTION OF ACTION AND THE AGENT CAUSATION THEORY

Beatriz Sorrentino Marques. Doutorando em Filosofia pela USP. Email: bia.nephlim@gmail.com

Orientador: Osvaldo Frota Pessoa Jr.

The Agent Causation Theory offers a concept of agency that aims at accounting for our feeling that we originate and control our actions spontaneously, which is attributed by some theories to the agent's causal power. The idea that the agent may directly cause his actions has some critics, who point out that this thesis involves a *sui generis* kind of causation and, therefore, is an unacceptable explanation for action production. However, this might not be the only criticism to the Agent Causal approach. New discoveries in neuroscience have been shedding light in some action production issues and putting some traditional action explanations in question. The Agent Causation Theory seems to suggest that some degree of consciousness, or at least some awareness, is involved in the agent's directly bringing about what he does, yet there is evidence that consciousness is not at the basis of action production; although, there is room for controversy about whether it has no role at all in its production. Recent neuroscience experiments, like Stephan Bode's "Tracking the Unconscious Generation of Free Decisions Using Ultra-High Field" (2011) and Daniel Wegner's book "The Illusion of Conscious Will" (2003), propose an interpretation of experimental evidence that denies the hypothesis that consciousness might have a significant role in originating action. In fact, the major role in action production is played by unconscious brain activities, as understood by Bode and Wegner. Therefore, it is in the interest of action theories, as well as of the conception of agency itself, to take research in neuroscience and its findings into consideration, in order to benefit from discoveries in this field to improve our understanding of action and of its generation. This may, however, mean that some traditional hypotheses need to be abandoned.

ANÁLISE DA ABORDAGEM DE CAUSAÇÃO MENTAL E DE INTENCIONALIDADE DE JOHN SEARLE

Bruna Maria Lemes Duarte. Graduanda em Filosofia pela UNESP/Marília. Email: brunalemes06@hotmail.com.

Orientadora: Mariana Claudia Broens.

O objetivo deste trabalho é investigar o conceito de causação mental no Naturalismo Biológico segundo John Searle. O autor contesta as teorias tradicionais que abordam a causação mental como resultante da ação de uma substância distinta do corpo, sendo a mais conhecida delas o cartesianismo. Uma outra teoria à qual Searle se opõe também é a materialista, por considerar que o materialismo se define a partir do dualismo substancial, descartando a substância pensante, mas preservando a lógica dualista em suas teses. Para Searle, o materialismo desconsidera fenômenos mentais como crenças, desejos e intenções e colocam em dúvida características do mental como a subjetividade e a consciência. Searle ressalta que uma de suas versões mais radicais, o materialismo eliminativista, coloca em xeque até mesmo a existência de estados mentais e a preservação do vocabulário mentalista. Para distinguir sua concepção de causação mental de outras teorias, Searle a chama de “naturalismo biológico”. Para Searle (1997), os estados neurobiológicos causam os estados mentais ao mesmo tempo em que são instanciados no sistema cerebral. Sendo assim, não poderia haver hiatos temporais entre os estados neurobiológicos e os correspondentes estados mentais. A partir daí surgem diversas questões, e algumas delas são: o que é a consciência? Como os fenômenos mentais conscientes se relacionam com o inconsciente? (SEARLE, 1997, p. 8) Para enfrentar essas e outras questões, Searle usa um exemplo para explicar sua teoria: a consciência seria causada e realizada no sistema cerebral da mesma forma que a digestão é causada e realizada no sistema digestivo. (SEARLE, 1997). Analisaremos, enfim, teses centrais da abordagem proposta por Searle e sua relevância para propiciar um avanço na compreensão da natureza do mental, especialmente no que tange à concepção searleana de Intencionalidade.

CONTRIBUIÇÕES DOS SISTEMAS COMPLEXOS PARA A ANÁLISE DA SEMIOSE

Bruno Cardoso de Melo. Graduando em Filosofia pela UNESP/Marília. Email: o.bruno.c@gmail.com

Orientadora: Maria Eunice Quilici Gonzalez.

O objetivo deste trabalho é buscar parâmetros para compreender o seguinte problema: a semiose pode ser compreendida como um sistema complexo auto-organizado? Nos basearemos na hipóteses de Morin (2008) e Debrun (1996) acerca do paradigma da complexidade e da teoria da auto-organização para analisar a semiótica peirceana a partir dos conceitos de *signo*, *objeto* e *interpretante*, os componentes triádicos e indissociáveis para o processo de geração de novos signos, ou *semiose*. A semiose é constituída por signos e estes possuem o papel de *estar* no lugar de um Objeto que ele representa. Os Objetos são considerados por Peirce (CP 2.173) como parte da realidade, independente de estado mentais ou disposições psíquicas de qualquer intérprete. O efeito da ação do signo sobre algo, na geração de outro signo, é denominado por Peirce, *interpretante*. A dinâmica dos interpretantes delimita a semiose como um vetor de significação para o futuro, na qual a geração de novos interpretantes a partir dos existentes pode garantir a continuidade da representação do mesmo objeto no fluxo semiótico. Embasado nos conceitos de *qualidade emergente*, *princípio hologramático* e *auto-organização*, propostos respectivamente por Morin (2008) e Debrun (1996) argumentaremos que o processo de geração de signos pode ser analisado como um processo sistêmico-complexo e auto-organizado. A razão para isto é que a semiose se constitui a partir de elementos distintos que se encontram sob multi-escalas, se organizam a partir das interações dinâmicas e espontâneas e constituem propriedades emergentes que carregam as propriedades do processo sígnico como um todo e simultaneamente geram novas instanciações interpretativas sem a presença de um elemento central para os regerem. Por fim, concluímos com a elucidação destes parâmetros como contribuintes para uma compreensão complexa e auto-organizada do pensamento manifesto fenomenologicamente, considerado como uma rede de signos.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS DO REALISMO NA ABORDAGEM DA PERCEPÇÃO DIRETA

Edna Alves de Souza. Doutoranda em Filosofia pela FFLCH/USP e bolsista CNPq.

Email: ednalves@usp.br

Orientador Prof. Dr. Caetano Ernesto Plastino

Este trabalho tem por objetivo analisar os pontos de contato entre a proposta realista natural de Hilary Putnam (1999, 2012) e a abordagem interdisciplinar da percepção proposta pela filosofia ecológica. Entendemos que Putnam, defensor da perspectiva realista, em sua mais recente proposta, o realismo natural, vai ao encontro da perspectiva da filosofia ecológica, retomando uma antiga questão filosófica: ‘como é que a percepção acopla-se ao mundo?’ Para oferecer uma resposta satisfatória ao ceticismo despertado pelo problema de como as representações mentais se conectam com a realidade, Putnam conclui que é imprescindível o abandono da noção de representação mental, tão arraigada na tradição filosófica. O realismo natural caracteriza-se justamente pelo realismo deliberadamente ingênuo: o abandono da ideia de representações mentais ou quaisquer intermediários entre o sujeito e a realidade “exterior”, a favor de um realismo direto. Seu propósito é fornecer um modo de entender as experiências perceptivas que não as transformem em uma interface entre sujeito e mundo. Não percebemos apenas as propriedades das imagens de uma tela cinematográfica interior, mas objetos, propriedades e relações concretos. A proposta de Putnam consiste em entender a percepção como *percepção das coisas* e não de “dados dos sentidos”. Apoiada nas hipóteses realistas de Putnam (1999, 2012) e Large (2003), argumentaremos que esses filósofos compartilham dos mesmos pressupostos: trata-se de um realismo ingênuo, segundo o qual a percepção consciente é direta, no sentido de que ela não é inferencial e não envolve qualquer tipo de mediação, nem mesmo das sensações. A percepção consciente é tratada de forma complexa, considerando a relação entre o ser consciente e o seu meio ambiente. A “reciprocidade” existente entre organismo e ambiente removeria a necessidade de qualquer separação dualista, comum na tradição filosófica. Os objetos reais estão disponíveis para a mente; ter consciência deles não ocorreria de modo inferencial, processual, mas sim direto. Para finalizar, propomos uma reflexão sobre os possíveis ganhos recíprocos da parceria entre a filosofia ecológica e o realismo de Putnam.

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM E COMPLEXIDADE

Eunice Almeida Da Silva – Docente da Escola De Artes, Ciências e Humanidades da Universidade De São Paulo, Each-Usp. Email: eunice.almeida@usp.br

Embora a área da enfermagem seja composta por conhecimentos advindos de diversos saberes, como o da medicina, biologia, antropologia, sociologia, psicologia, dentre outros, estudos têm mostrado que há um predomínio do modelo biomédico, nos diferentes cenários de atuação da enfermagem. Este modelo concebe a realidade acabada, definida pela verdade transformada em fatos; isto dificulta uma atuação integrada em enfermagem, acentua concepções simplistas, dicotômicas, como por exemplo, teoria x prática, saúde x doença, dentre outras. A primeira tentativa de sistematizar as ações práticas de enfermagem ocorreu no século XIX por Florence Nithingale. As teorias de enfermagem foram criadas no século XX, nos Estados Unidos. No Brasil, na década de 1970, Wanda de Aguiar Horta criou o *Processo de Enfermagem*, caracterizado como uma metodologia com o objetivo de organizar a assistência a ser prestada. Esse processo é formado pelas etapas: *histórico de enfermagem; diagnóstico de enfermagem; plano assistencial de enfermagem; prescrição de enfermagem; evolução e prognóstico de enfermagem*. Ao longo dos anos o *Processo de Enfermagem* sofreu modificações com o intuito de ajustar-se aos diversos cenários da prática; atualmente, no Brasil, é denominado de *Sistematização da Assistência de Enfermagem* (SAE). Acreditava-se que a SAE possibilitasse um pensar-fazer enfermagem de maneira integrada, com base no conhecimento complexo. Estudos como os de Silva (2004; 2013), têm mostrado que, frequentemente, a SAE é aplicada de maneira estreita favorecendo o predomínio e a relevância de ações técnico-científicas, que geralmente são realizadas de maneira fria, impessoal. Isto reduz as práticas de enfermagem a atividades meramente burocráticas, expressas pelo preenchimento de formulários que compõe a SAE. A proposta deste trabalho é de conceber a SAE como “sintetizador” das equipes de saúde; estas equipes se caracterizariam como subsistemas complexos, dinâmicos que interagem consigo mesmo e com outros subsistemas (outras equipes), formando uma rede complexa com a finalidade única de oferecer assistência ao enfermo. A SAE teria a tarefa, qualificada pela complexidade, de ligar as informações fragmentadas, favorecendo uma comunicação significativa para o enfermo e uma sintonia entre as equipes de saúde.

UMA CRÍTICA CONTEMPORÂNEA AO DUALISMO SUBSTANCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O CONCEITO DE VONTADE LIVRE

Felipe Augusto Gomide. Email: felipegomid@live.com

Jéssica Lopes Carvalho. Email: jessica.lopes.carvalho@hotmail.com

Maria Caroline Belfante. Email: carolbelfante@hotmail.com

Rafael de Melo Ferreira. Email: rafaelmmf12gmail.com

(Graduandos em Filosofia pela UNESP/Marília.)

Orientadora: Mariana Claudia Broens.

O presente trabalho tem como objetivo analisar as críticas que Gilbert Ryle dirige a abordagens dualistas da mente e suas consequências no cenário filosófico contemporâneo. Na obra *O conceito de mente*, Ryle busca problematizar a ontologia cartesiana dualista substancial, apontando os principais erros que, segundo ele, o fundador do cartesianismo cometeu, especialmente os de natureza lógica. O principal erro seria de natureza categorial, o qual ocorre quando algo é considerado como pertencendo a uma categoria quando efetivamente pertence a outra. Um dos propósitos de Ryle é demonstrar que uma família de erros categoriais radicais pode levar à crença na dualidade mente/corpo. Descartes comete tal erro quando propõe que *corpo* e *mente* são substâncias no mesmo sentido. Além disso, a doutrina cartesiana está fundada na distinção ontológica entre o corpo e a mente, o primeiro sendo *material*, sujeito às leis físicas e ocupando um lugar no espaço, enquanto a segunda seria imaterial, sujeita a regras formais (morais e lógicas) e não ocupando lugar no espaço. Um problema que surge é o da relação entre mente e corpo, especialmente no que tange às interações de natureza causal. Isto constitui um problema porque, dada a distinção substancial, Descartes não explica de modo satisfatório como a mente poderá causar efeitos no corpo e vice-versa e nem como fatores corporais determinantes se sobrepõem sobre a alegada liberdade da vontade humana. É nesse contexto teórico que discutiremos algumas implicações das críticas ao dualismo ontológico levantadas por Ryle no debate contemporâneo sobre a relação mente/corpo.

REFLEXÕES ACERCA DA AÇÃO HUMANA SEGUNDO HANS JONAS

Franciele da Silva Leal. Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Email: franciele.leal@gmail.com

Neste trabalho visamos refletir sobre as ações efetivadas pelo ser humano na natureza, a partir da perspectiva do pensador Hans Jonas, buscando avaliar em que medida estas ações propiciam a manutenção do meio ambiente, a fim de preservá-lo às gerações vindouras. Sugerimos que isto só pode ser alcançado a partir de uma ética da Responsabilidade, conforme proposta por Jonas. Para este filósofo, o agir humano diante a natureza se transformou com a criação das cidades, especialmente a partir da modernidade. As teorias éticas tradicionais, como aquelas propostas por Aristóteles e Kant, não têm dado conta das necessidades do homem moderno e contemporâneo. Nos tempos antigos, antes da criação e expansão das cidades, a *techne* (habilidade) humana afetava a natureza de maneira superficial, as atividades, num sentido geral, compreendiam em suprir necessidades, não em alcançar progressos. Como as ações tinham pequenos alcances, não era necessária uma ética pensada em ações com consequências de longo prazo. A partir disso, cabia à ética preocupar-se com a relação humano e humano (antropocentrismo). A ideia inicial de cidade tinha como pretensão cercar, proteger-se dos inimigos, não de expandir como propõe o próprio Hans Jonas. Na contemporaneidade é perceptível o inverso: a cidade expandiu-se alterando demasiadamente a natureza, que não é de exclusividade humana, mas compartilhada com outros seres. A tecnologia existente desde o início agora tem outro foco, não mais o de suprir necessidades, mas o de melhoramento das técnicas. Neste contexto, o ser humano, ao suprir uma necessidade, cria uma necessidade secundária, que ao suprir a secundária cria-se uma terciária, e assim indefinidamente. Tais ações tem consequências de longo prazo. É nesse contexto que Jonas propõe a necessidade de pensar uma nova ética fundada na Responsabilidade. Surge o questionamento sobre como agir responsabilmente. Jonas utiliza-se do termo Responsabilidade no sentido da existência de uma necessidade de preocupar-se com as gerações vindouras de modo que, como nós, eles herdarão a essência e a existência humana, ao quais os mesmos têm por direito, e ainda não existem para reivindicá-los.

APRENDIZAGEM, CRIATIVIDADE E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO: ÁREAS DE INTER-RELAÇÃO E DE COMPLEXIDADE PARA O ENSINO SUPERIOR

Gabriela Belmont de Farias. Email: gabriela_belmont@yahoo.com.br

Regina Célia Baptista Belluzzo. Doutorando em Filosofia pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação - DINTER UFC/UNESP.

Diante das transformações ocorridas em diferentes âmbitos da sociedade, sabemos que para atender esta demanda se faz necessária a formação de pessoas criativas, inovadoras e competentes no acesso e uso da informação de forma inteligente. Sendo a universidade um espaço propício para o desenvolvimento de cidadãos capazes de realizar transformações de impacto na sociedade, a reflexão estabelecida neste trabalho ocorre em torno das abordagens teóricas da psicologia cognitiva diretamente relacionadas aos modelos teóricos da criatividade (i) de Sternberg – teoria do investimento em criatividade, (ii) a de Amabile – modelo componencial da criatividade e (iii) de Csikszentmihalyi – perspectiva de sistemas, além da abordagem da teoria da aprendizagem significativa de David Ausubel e aprendizagem por competência de Philippe Perrenoud e Antoni Zabala e as possíveis articulações para o desenvolvimento da competência em informação no ensino superior. Para tanto, iniciou-se por realizar uma revisão bibliográfica sobre as temáticas abordadas. A análise realizada na literatura compulsada permitiu observar a necessidade de refletir sobre o processo de mediação numa concepção de construção do conhecimento criativo, entendendo-o como ações para questionar e redefinir os papéis dos sujeitos na educação, a fim de que o docente, enquanto mediador desse processo possa analisar sua práxis pedagógica, construindo novas possibilidades de aprendizagem. A interatividade entre docente-aprendizagem-aluno é necessária no ambiente educacional e o docente deverá saber lidar com as diversas possibilidades de suportes educacionais disponíveis à mediação pedagógica, com intuito do desenvolvimento do potencial criativo aliado à competência em informação, levando em consideração os fatores culturais, a experiência acumulada do aluno e a utilização de dispositivos que lhe permitam construir uma interpretação pessoal e contextualizada do objeto de estudo. A promoção da criatividade aliada ao desenvolvimento da competência em informação envolve aspectos de mudança de filosofia de modo a internalizar políticas e diretrizes à proposta curricular dos cursos de graduação nas universidades, promovendo as inter-relações necessárias e a interdisciplinaridade desejável.

CIBERNÉTICA, INCONSCIENTE, SOCIEDADE E AS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO

Iraceles Ishii dos Santos. Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília. Email: iraihii@hotmail.com

Diego Marques Pereira dos Anjos. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNESP/Marília.

Orientadora: Carmen Beatriz Milidoni.

Pretende-se com o presente trabalho apresentar uma reflexão sobre alguns aspectos das manifestações ocorridas em junho de 2013 no Brasil, lançando-se mão de noções da cibernética de Wiener (1954) e do inconsciente de Freud (1915). Tem-se aqui como plano de fundo o interesse por compreender a teoria freudiana por meio de um contexto histórico, assim como analisar, por meio de uma situação real, a operacionalidade da teoria freudiana em conjunção a outras. Isso porque, acreditamos que seja rico e propício correlacionar e contextualizar teorias para obter-se melhor compreensão das mesmas. Explico. No prefácio de *Cibernética e Sociedade: o uso humano de seres humanos* (1954), Wiener antecipa que suas reflexões dizem respeito ao impacto da teoria mecânica de Willard Gibbs: as modernas teorias das probabilidades. Coincidentemente, Wiener faz menção as semelhanças do impacto da teoria de Gibbs ao impacto que teoria de Freud teria desempenhado na modernidade, a saber: a ingerência do acaso no universo. Assim, acreditamos que por meio dessa suposta ligação tal análise seja propícia. Partimos da ideia apresentada por Wiener de que o estudo da sociedade prescinde do estudo da mensagem, bem como das afirmações do estudioso em psicanálise Paul-Laurent Assoun (2012), que a ideia de cultura – ou sociedade – não pode ignorar as descobertas do pensamento sobre o inconsciente. Acreditamos que as manifestações que irromperam-se sobre o motim do aumento da passagem do transporte coletivo, possam ser analisadas por meio dessas leituras. Gostaríamos de advertir, por fim, que nos propomos aqui apresentar uma análise preambular e não conclusiva sobre determinados pontos de vista sobre as referidas manifestações.

INFORMAÇÃO E INTELIGÊNCIA: UM ESTUDO SOBRE A CARACTERIZAÇÃO DA INTELIGÊNCIA A PARTIR DA MANIPULAÇÃO DE INFORMAÇÃO

Jansley Ricardo da Silva Zecca. Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Grupo Interdisciplinar de Estudos em Lógica e Epistemologia. Email: jjansley@gmail.com.

Orientador: Marcos Antonio Alves.

A filosofia da mente é uma área de estudos que investiga questões referentes à natureza da mente. Dentre os fenômenos mentais encontramos estados mentais tais como a dor, a alegria, a tristeza, a euforia, a esquizofrenia. Eles indicam como uma mente se encontra em um determinado momento. Outro tipo de fenômenos mentais são as faculdades, tais como a memória, a consciência, o raciocínio, a inteligência. Elas são capacidades apresentadas pelas entidades possuidoras de uma mente. Nosso objetivo neste trabalho consiste em investigar uma destas faculdades, a saber, a inteligência, a partir da manipulação de informação. Apresentamos dois argumentos, um favorável e outro desfavorável à possibilidade de certas máquinas apresentarem inteligência. Turing argumenta a favor da possibilidade de certas máquinas mecânicas processarem dados e agir inteligentemente. Para comprovar sua teoria, utiliza o jogo da imitação, basicamente um jogo de perguntas e respostas. Se conseguisse responder a uma série de perguntas adequadamente, como o faz um ser humano considerado inteligente nestas condições, a máquina, que é funcionalmente equivalente ao ser humano, também seria considerada inteligente. Searle argumenta contra a possibilidade de máquinas possuírem pensamento inteligente, através do seu argumento do quarto Chinês. No argumento do quarto Chinês Searle cria uma metáfora que se utiliza da língua chinesa para buscar ilustrar que máquinas do tipo Turing apenas computam dados e como essa computação de dados não representa qualquer tipo de inteligência. Para computar informação significativa, uma máquina precisaria fazer algo mais do que simplesmente manipular símbolos através de regras lógicas bem definidas. Também seria necessário certo tipo de organismo, como o corpo humano ou um sistema isomorfo, para um sistema possuir fenômenos mentais e apresentar ação inteligente.

O CONCEITO DE INFORMAÇÃO NA OBRA ABERTA DE UMBERTO ECO

João Paulo Martins¹

Vinícius Jonas de Aguiar².

Mestrandos pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília.

Orientador: ¹Jonas Gonçalves Coelho, ²Alfredo Pereira Jr.

O objetivo deste trabalho é analisar o conceito de informação proposto por Umberto Eco no livro intitulado *Obra Aberta*. Nesse livro, formado por diversos ensaios, Eco trata das noções de forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas – como aponta o próprio subtítulo do livro – focando, entre outros pontos, os problemas envolvidos na fruição de obras da vanguarda artística. O capítulo que será aqui abordado está dividido em três partes: *A teoria da informação*; *Discurso poético/musical e informação* e *Informação e transação psicológica*. O raciocínio traçado por Eco parte de uma introdução à teoria da informação de Shannon e Weaver e coloca a questão do “universo do sinal” versus “universo do sentido”. Visto que a teoria da informação aqui discutida não pretende ser limitada a sinais elétricos e nem somente à linguagem – como o próprio Weaver aponta em seus escritos – Eco pensa, a partir desta, exemplos da música e da poesia que podem ser abordados segundo os conceitos de informação, ordem e desordem. Por fim, o autor discute a relação entre “quantidade de informação” versus “qualidade da informação” além da relação entre informação e percepção. Sendo assim, procura-se evidenciar neste trabalho em que sentido o autor utiliza o conceito de informação e como este, segundo Eco, nos ajuda a compreender o processo de fruição de obras de vanguarda, em especial aquelas tratadas pelo autor como sendo “obras abertas”.

HÁBITOS MENTAIS E CORPÓREOS: UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE O PROBLEMA DA RELAÇÃO MENTE E CORPO

Josiane Gomes de Oliveira. Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Grupo Interdisciplinar de Estudos em Lógica e Epistemologia. Email: josy.olvr@hotmail.com.

Orientador: Marcos Antonio Alves.

Neste trabalho, propomos uma análise de questões em torno do problema da relação mente e corpo a partir do conceito de hábito, culminando na proposta subjacente a uma teoria sistêmica de hábitos, a partir dos conceitos de hábitos mentais e hábitos corpóreos. Inicialmente, discutimos o conceito de hábito na proposta dualista cartesiana e o seu estatuto para a resolução do problema da relação mente corpo nesta perspectiva. Para Descartes (1999), hábito é o que adquirimos por uma única ação e não requer longa prática. Segundo essa perspectiva, o hábito, presente nas principais paixões da alma, torna-se significativo para as ações do corpo. Depois de expor a proposta cartesiana, expomos uma crítica a esta postura, seguindo o filósofo da mente Gilbert Ryle (1949), procurando explicitar a função do hábito para a explicação de estados cognitivos. Para Ryle, hábitos são disposições adquiridas pela repetição frequente de um ato. Este pensador distingue hábito de habilidade. Em sua visão, nem todas as ações comumente destinadas ao corpo podem ser consideradas hábitos, dependendo de como a ação é adquirida. Essas duas metodologias consistem em explicar como mentes podem influenciar e ser influenciadas pelos corpos caracterizando assim hábitos mentais e hábitos corpóreos. Diferentemente destas duas perspectivas, uma abordagem sistêmica não distinguiria radicalmente processos cognitivos dos processos físicos. Nossa intenção é averiguar como hábitos mentais e corpóreos podem ser entendidos, em uma perspectiva sistêmica.

INFORMAÇÃO, CONHECIMENTO E AÇÃO EM UMA PERSPECTIVA SISTÊMICA

Laura Rosa Kugler de Azevedo. Mestranda em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília. Email: sofiamarilia@hotmail.com

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Eunice Quilici Gonzalez.

O objetivo do presente trabalho é discutir a natureza das relações no interior de sistemas complexos, enfatizando sua importância para obter conhecimento que poderá ser utilizado em ações futuras. Para atingir esse objetivo, a seguinte questão será proposta: qual é a importância das propriedades emergentes no interior de sistemas complexos para ações futuras? Para isso, teremos como ponto de partida a elucidação dos pressupostos que caracterizam a Teoria dos Sistemas Complexos apresentada por Morin (2008) e Bresciani Filho & D'Ottaviano (2000) e a Teoria da Informação, tal como proposta por Zeman (1970). Sistemas complexos são caracterizados por possuírem elementos distintos entre si que mantêm relações funcionais (BRESCIANI FILHO & D'OTTAVIANO, 2000). Além disso, podem existir nos sistemas complexos propriedades emergentes, características de um sistema que não se encontravam previamente em suas partes constituintes, mas que resultam da interação entre seus elementos (MORIN, 2008) e que são fonte de informação relevante sobre a dinâmica e estrutura do sistema. Dessa maneira, informação pode surgir como propriedade emergente de um sistema e gerar novas possibilidades de ações futuras do sistema. Por sua vez, a informação é o pano de fundo que possibilita o conhecimento que leva a uma ação. Quando é possível perceber a organização de um sistema, se consegue notar a informação que está presente ali (ZEMAN, 1970, p. 158) e, assim, decidir qual é a ação mais apropriada às circunstâncias a ser tomada. Nesse contexto, pretendemos explicitar a relevância de relações que ocorrem no interior de sistemas e sua importância para o direcionamento da ação.

A COMUNICAÇÃO NA PERSPECTIVA DA TEORIA SEMIÓTICA DE CHARLES SANDERS PEIRCE

Maítha Elena Tosta Graciano. Mestranda pelo Pgrograma de Pós-Graduação em Ciência da Informação da UNESP/Marília.

Orientadora: Maria Leandra Bizello. Email: maitahmtg@hotmail.com

Este trabalho objetiva contribuir para compreensão e aplicação da Teoria Semiótica de Peirce, o desdobramento de seu entendimento e de suas aplicações na Comunicação e nos processos que a compõem. Consideramos que, a partir do vasto arcabouço teórico da semiótica peirceana, é possível compreender todo o amplo e complexo processo comunicativo, no que concerne a ação dos signos e todo o seu processo de significação. Analisamos a Comunicação como um problema semiótico, um processo composto por fluxos de informações onde encontramos uma diversa infinidade de signos, cuja ação é entendida na teoria peirceana como semiose, sendo este o fenômeno fundamental desta problemática. De fato, todo fenômeno cultural é um fenômeno de Comunicação e constituído por linguagens que permitem a produção de sentido. E é no ser humano, que se desenvolve a transformação dos sinais em signos pela relação que este mantém com a linguagem. De modo que os fenômenos culturais são abordados pela semiótica como, sistemas de signos, os quais constroem significações e promovem sentido às coisas. A Teoria Semiótica de Peirce se preocupa com qualquer sistema de signos como, a música, a fotografia, o cinema, as artes de modo geral, a publicidade e, claro, a comunicação. A base da cultura humana é a linguagem e esta é constituída pelos signos compostos por um corpo imediato, que é sua constituição, e um corpo dinâmico, que é seu significado. A partir disso, processamos e organizamos o conhecimento e constituímos assim, nossa personalidade com os significados dessa existência real. A compreensão que temos do mundo, os registros, nossas memórias, as interpretações, a transmissão de informações, completam o processo de comunicação baseado nos sistemas de signos que compõem toda e qualquer linguagem. As redes mundiais de informação permitiram uma sofisticação nos meios de produção e disseminação da informação, entretanto, ela ainda é um produto da ação humana, socialmente construída que auxilia o produtor desta na sua relação com o mundo a partir do processo de comunicação. Dessa forma a informação é formada por diversos e inúmeros signos, pois, segundo a Teoria Semiótica Peirceana, o mundo é povoado por signos, ou ainda, totalmente sógnico.

INFORMAÇÃO E MECANISMO: ALGUMAS REFLEXÕES FILOSÓFICAS

Nathália Cristina Alves Pantaleão. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília.

Orientadora: Mariana Cláudia Broens. Email: nacherizah@gmail.com

O presente trabalho tem como objetivo investigar a possibilidade de sistemas mecânicos artificiais possuírem a capacidade de lidar com *informação significativa*. Para isso, nos valeremos de teses a respeito da natureza da informação presentes nas obras de Alan Turing (1950), Dretske (1981), Gonzalez (2010) e Brooks (1990, 1991, 2002). Primeiramente, apontamos que Turing (1950) considera a mente como um *sistema mecânico de processamento de informação*. Para Turing, máquinas, biológicas ou não, manipulam informação a partir de regras rígidas e pré-estabelecidas para a execução satisfatória de uma função por meio de um conjunto de símbolos transmitidos através de impulsos elétricos desprovidos de uma semântica. Por outro viés, segundo Dretske (1981), a informação existe no meio objetivamente enquanto elemento natural constituinte do mundo, mas o significado não. O significado, para ele, é instanciado por sistemas dotados com as capacidades de representar, errar e aprender a corrigir os erros por meio de ajustes. Nessa perspectiva, máquinas como as de Turing, não lidam com informação significativa, pois, embora este tipo de máquina seja capaz, de alguma forma, de representar, é incapaz de aprender, dado que suas funções e comportamentos são dados a partir de regras rigidamente pré-estabelecidas. Em contrapartida, apresentaremos o projeto de Rodney Brooks cuja pretensão é construir modelos computacionais capazes de selecionar o comportamento mais adequado a partir de sua troca de informações com o meio em que estão situados. Podemos concluir, provisoriamente, que o projeto de Brooks aponta para a possibilidade de construção de máquinas que lidam com informação significativa. Por fim, partindo do pressuposto de que a informação se torna significativa quando é acoplada à ação e é capaz de corrigir seus rumos, analisaremos se os modelos computacionais contemporâneos (BROOKS, 1990, 1991, 2002) apresentam algum tipo de complexidade que supere a manipulação simbólica pré-estabelecida.

MÁXIMA PRAGMATISTA E RAZOABILIDADE: REFLEXÕES SOBRE O PROBLEMA DIFÍCIL DA ÉTICA

Paulo Henrique Araujo Oliveira Pereira. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília. Email: phaop44@hotmail.com

Orientadora: Maria Eunice Quilici Gonzalez.

O problema difícil da ética, enunciado por Beavers (2011, p. 2), consiste na falta de consenso em delimitar o moralmente certo e o errado. Entre a maioria das teorias morais, existe certo consenso geral acerca de quais comportamentos são aceitáveis e quais não. No entanto, há pouco consenso acerca das razões para tanto, ou seja, a respeito daquilo que efetivamente torna um comportamento moral. A questão central do problema difícil da ética são as razões - critérios de relevância - que fundamentam e promovem uma atitude em detrimento de outra. Nesse contexto, há uma postura denominada niilismo ético, segundo a qual, conforme ressalta Beavers (2011, p. 9), a moralidade não requer aprovação interna. A aprovação interna está diretamente relacionada com quatro elementos centrais: consciência, obrigação, responsabilidade e normativismo. Então, se a moralidade não exige aprovação interna, o ético pode ser alcançado sem um tipo de estado psicológico que impede a satisfação de um desejo em virtude de condições morais. Nesse sentido, como a aprovação interna possui um papel secundário, entendemos que o critério subjacente à ação ética surge em consonância com as noções enunciadas por Charles Sanders Peirce (1931-1935) de razoabilidade e na máxima pragmaticista. O conceito de razoabilidade constitui o elemento que permite a pesquisa, avaliação, crítica e ajuste da ação dos organismos no ambiente. A razoabilidade, segundo Peirce, é constituída por três elementos centrais: o tiquismo (evolução por acaso); o sinequismo (evolução por necessidade) e o agapismo (evolução por amor criativo). A máxima pragmaticista, por sua vez, em conformidade aos três tipos de evolução, ressalta a necessidade de avaliação das consequências possíveis no futuro das ações realizadas no presente. Argumentamos que a máxima pragmaticista salienta a necessidade da avaliação das consequências que a ação realizada no presente terá no futuro e que essa reflexão, embora também tenha problemas, constitui uma possível resposta ao problema difícil da ética.

HONESTIDADE NA COMUNICAÇÃO ANIMAL E SUA RELAÇÃO COM TIPO DE MENTE CONSCIENTE

Pedro Gabriel Antonio Lallo. Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UNESP/Marília. Email: pedrolallo@hotmail.com

Orientadora: Maria Eunice Guilici Gonzalez.

O objetivo deste trabalho é analisar sinais comportamentais honestos na comunicação e sua suposta sinalização de estados mentais subjetivos. Para cumprir esse objetivo, apresentamos exemplos de como seres vivos tentam enganar uns aos outros por meio de sinalizações não-verbais. Iniciaremos nosso trabalho ressaltando a especificidade dos canais humanos de comunicação (que pode ser utilizado para enganar os outros), a saber, a linguagem proposicional. O pensamento crítico emergido da própria linguagem oferece, porém, um meio para descobrir os impostores no caso da comunicação humana (Neiva e Hickson, 2004). Em seguida, analisaremos brevemente a definição de sinalização animal na Teoria da Sinalização (*signalling theory*) proposto por Owren *et al.* (2009, 2010) e Dawkins *et al.* (1984). Considerando os princípios da Teoria da Sinalização, os quais se baseiam na biologia evolutiva, os autores ressaltam que os receptores da comunicação, assim como os sinalizadores, evoluíram, em uma espécie de guerra armamentista, disputando entre si para enganar o outro e descobrir o engano. Nesse sentido, indagaremos a hipótese de que o comportamento em animais não-humanos evoluiu somente para enganar outros animais sinalizando pouco sobre seu estado mental subjetivo. Ou seja, quando um animal sinaliza dor, ele está somente enganando os receptores para conseguir alguma vantagem social. Por fim, tentaremos estabelecer uma relação entre sinalização comportamental honesta e os tipos e graus de mente entre as espécies proposto por Damásio (2011). Concluindo, nesse sentido, que a ação sinalizadora necessariamente corresponde ao seu estado mental. Ressaltaremos que, para uma sociedade equilibrada cujos membros necessitam conhecer alguns traços mentais de seus parceiros e agir socialmente, é necessário que sinais sejam honestos em relação aos estados mentais de seus integrantes.

AUTO-ORGANIZAÇÃO E CRIATIVIDADE: O PAPEL DO ACASO NA EMERGÊNCIA DA NOVIDADE

Rafael Teruel Coelho. Email: phelcoelho@hotmail.com

Marlon Henrique Aramor. (Graduandos em Filosofia pela UNESP/Marília.)

Orientadora: Maria Eunice Quilici Gonzalez.

O objetivo central de nossa comunicação é analisar criticamente o conceito de criatividade sob a óptica mecanicista. Nessa perspectiva, formulamos o seguinte problema: os processos de criação podem ser reduzidos a âmbitos estritamente mecânicos? Argumentaremos que, em sistemas artificiais, essencialmente regidos por leis, a instanciação da criatividade parece não ser plenamente realizável. Isso em virtude de que, como aponta Peirce (CP. 6.553), a novidade é propiciada, em partes, pelo acaso e pela espontaneidade, elementos estes que não se reduzem ao domínio mecânico e normativo. O estudo acerca da natureza dinâmica dos processos de auto-organização, caracterizados pela emergência da novidade, parece oferecer uma abordagem de maior abrangência para a compreensão da noção de criatividade. De acordo com Debrun (1996a), a auto-organização é, antes de tudo, uma criação, um processo que viabiliza a instanciação de novos elementos em virtude de seu caráter espontâneo, dispensando assim, normas pré-definidas. Ademais, a interação de elementos na auto-organização não possui uma liderança controladora e absoluta, sendo que o motor do processo é a própria interação entre os pares. Tal interação propicia a mediação o acaso nas relações, possibilitando a emergência da novidade e a concretização de tendências autônomas e criativas no plano da ação.

SIGNIFICADO E AÇÃO: DE WITTGENSTEIN À PEIRCE

Renan Henrique Baggio. Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Norte do Paraná. Grupo Interdisciplinar de Estudos em Lógica e Epistemologia. Email: renanhb_182@hotmail.com

Orientador: Marcos Antonio Alves.

A presente pesquisa tem como objetivo estabelecer a forma como o sujeito cognoscente apreende e atribui significados na linguagem segundo a perspectiva filosófica de Ludwig Wittgenstein. Para tanto, abordamos, inicialmente, a proposta do primeiro Wittgenstein exposta no *Tractatus Logico-Philosophicus*. Nesta obra, o filósofo defende que o significado das proposições possui relação com o valor de verdade destas por enunciar estados de coisas do mundo através da figuração lógica. A forma como apreendemos e atribuímos significados na linguagem se dá graças à figuração dos fatos que, por intermédio da forma lógica, é responsável por garantir a correspondência entre o mundo, o pensamento e a linguagem. Com base nas *Investigações Filosóficas*, apresentamos, em seguida, a crítica feita por Wittgenstein à sua primeira concepção de linguagem e expomos a sua nova perspectiva. Através do conceito de jogos de linguagem, o significado dos termos e enunciados está sujeito ao uso que fazemos deles. Portanto, não há um significado exato nas palavras, ou uma ligação entre os nomes e os objetos, mas é a maneira como a linguagem é usada nos mais variados contextos que garante a apreensão e também a atribuição de significados na prática linguística. Porém, não se trata de um processo arbitrário, que permite ao sujeito significar os termos da maneira como preferir, pois tudo depende da estrutura do jogo de linguagem no qual está inserido. Concluimos nossa pesquisa traçando um paralelo entre o conceito de significado na filosofia do segundo Wittgenstein e na semiótica de Peirce, no tocante ao papel da ação no processo de significação.

AUTONOMIA E TECNOLOGIA: “IMPERIALISMO EPISTÊMICO”?

Renata Silva Souza¹ Email: renatynhass@hotmail.com

Juliana Moroni². Email: julianamoroni@yahoo.com.br

¹Graduanda em Filosofia pela UNESP/Marília. ²Doutoranda em Filosofia pela UERJ.
Orientadoras: ¹Maria Eunice Quilici Gonzalez, ²Karla Chediak.

Em nossa sociedade contemporânea, temos percebido o crescente uso de tecnologias que visam um suposto aprimoramento em nossas capacidades, ideia fortemente defendida pelo movimento transhumanista. No contexto do transhumanismo a melhoria das capacidades dos indivíduos, de acordo com Bostrom (2005), relaciona-se com a ideia do ser transhumano, ou seja, daquele que é aprimorado através da razão aplicada, especialmente por incorporar tecnologias e componentes artificiais que aprimoram substancialmente suas capacidades físicas, intelectuais e emocionais. Em vista das alterações e utilização indiscriminada de aparatos tecnológicos que propiciem o aprimoramento de nossas habilidades, este trabalho tem como objetivo investigar a relação epistêmica entre autonomia e auto-organização, discutindo os prós e contras da inserção das novas tecnologias no estudo da percepção-ação. Nesse sentido, o problema a ser analisado neste trabalho gira em torno de três questões: 1- O que é “imperialismo epistêmico”? 2- Qual a relação entre autonomia, auto-organização e sistemas complexos? 3- Quais os possíveis aspectos positivos e negativos da inserção das novas tecnologias na relação percepção-ação? De acordo com Dascal (2007), o imperialismo epistêmico é a imposição de determinada forma de pensar de um grupo para outro grupo. É a transferência e fixação de um método de saber considerado universal de um grupo para outro, aniquilando a possibilidade de emergência e expressividade de outras formas de se chegar ao conhecimento. Adotando esta perspectiva, Dascal afirma que a autonomia é uma ilusão dado que sempre há algum tipo de “imperialismo epistêmico” na escolha dos critérios de relevância para realizar determinada ação. Apoiadas na concepção de auto-organização proposta por Debrun (1996), argumentamos que, no plano micro de análise, o “imperialismo epistêmico” cede lugar para algum grau de autonomia do sistema dado que quanto maior o leque de opções presente em um dado sistema, maior será a chance do organismo realizar uma ação autônoma e criativa. Entretanto, com o advento e inserção das novas tecnologias na relação percepção-ação, essa suposta autonomia desaparece dado que o sistema deixa de ser auto-organizado. Nesse sentido, nossa hipótese é de que a autonomia do sistema varia em graus. Isso porque a partir do momento em que o desenvolvimento humano se limita apenas aos aparatos tecnológicos, o leque de opções é diminuído e um supervisor se impõe como direcionador das ações do sistema.

CONSIDERAÇÕES ACERCA DO TEXTO CIÊNCIA COM CONSCIÊNCIA DE EDGAR MORIN

Sergio Nunes. Docente do Departamento de Filosofia da UFPA e Pós-Doutorando na UNESP/Marília. Supervisora: Maria Eunice Quilici Gonzalez. Email: runiz@uol.com.br

Neste trabalho pretende-se ressaltar aspectos do embate teórico que Morin trava com abordagens científicas clássicas, nas quais impera a inspiração cartesiana. Nos três primeiros capítulos de sua obra "Ciência com Consciência", Edgar Morin apresenta questões epistemológicas fundamentais para uma abordagem complexa do conhecimento científico. A primeira questão diz respeito a uma crítica ao cartesianismo como fator de superação do logicismo da ordem do *verum*. Para Morin, ainda ecoa em nossa concepção contemporânea de conhecimento a crença de que é possível produzir certezas indubitáveis através de processos analíticos que segmentam o objeto investigado, sem considerar as relações que as diferentes partes do objeto mantêm entre si. Contra essa crença, Morin propõe a elaboração de uma nova lógica, a da complexidade, que propicie a abrangência do incerto, do indeterminado, que possa focalizar a vasta rede de interações constitutivas da vida e do cosmos, tendo como referência as interações ecológicas com o meio-ambiente. A segunda questão diz respeito à possibilidade que se abre a uma investigação científica a partir de uma nova abordagem sistêmica, auto-organizada, dos processos da vida que possa dar legitimidade e segurança ao conhecimento, sob a garantia de uma lógica Poética ou da ordem do *Certum*. Considerar essas duas questões parece relevante para o fortalecimento de uma ciência contemporânea da complexidade.

A TEORIA DA AUTO-ORGANIZAÇÃO E A CONSTITUIÇÃO DE HÁBITOS E HABILIDADES CONSTITUINTES DE CONHECIMENTO COMUM

Talita Cristina Bueno Beltrão. Graduanda em Filosofia pela UNESP/Marília. Email: talitabeltrao@hotmail.com

Orientadora: Mariana Cláudia Broens.

O presente trabalho tem como objetivo analisar possíveis contribuições dos conceitos centrais de hábito e habilidade segundo, respectivamente, David Hume e Gilbert Ryle e de auto-organização, de acordo com Michel Debrun, para compreender a relação entre conhecimento comum e a constituição de hábitos em uma perspectiva auto-organizativa. A principal questão a ser trabalhada diz respeito à natureza da relação entre conhecimento comum e o processo de aquisição, substituição e eventual abandono de hábitos como resultado da prática regular de ações habilidosas. Essa questão será investigada na perspectiva da teoria da auto-organização, segundo a qual sistemas se auto-organizam como resultado das relações espontâneas de seus elementos constituintes sem a interferência controladora de um supervisor central ou hegemônico. Um dos aspectos centrais dos processos auto-organizados a ser analisado é a dinâmica de ajustes, por colaboração ou competição, que, entendemos, constitui um dos processos centrais para a produção de conhecimento comum. Neste sentido, entendemos que o hábito estaria por trás do processo de constituição do conhecimento comum, pois, como ressalta Hume, o hábito seria uma espécie de disposição para a repetição que propicia o surgimento de crenças geradoras de ações. Acreditamos que os hábitos são de fundamental importância no processo de formação de crenças, (no sentido Humeano), sua eventual quebra e a aprendizagem que tal quebra pode propiciar. Em síntese, pretendemos investigar o conceito de hábito e alguns aspectos importantes desse conceito, tais como as noções de disposição e de ajuste organizacional na emergência do conhecimento comum.

A AÇÃO INTELIGENTE SEGUNDO GILBERT RYLE

Verônica Barros Sifuentes. Graduada em Filosofia pela UNESP/Marília. Email: veronica-_minix@hotmail.com

Orientadora: Mariana Cláudia Broens

O presente trabalho tem como objetivo analisar a posição de Gilbert Ryle a respeito de ações que podem ser consideradas inteligentes. Para tal nos valeremos de teses apresentadas na obra intitulada *The concept of mind* (1949). Nesta obra, Ryle aponta para a distinção entre o *saber que*, o qual envolve capacidades abstratas de teorização, e o *saber como*, relativo à capacidade de agir inteligentemente. Como tal distinção é concebida no contexto da abordagem dualista substancial da mente, ou seja, ao considerar corpo e mente como substâncias distintas. Tal contexto acaba gerando a crença, contestável, de que o conhecimento em geral é redutível ao conhecimento do tipo *saber que*, isto é, de que o conhecimento relacionado a habilidades aprendidas pelos agentes e incorporadas pelo exercício resultam de deliberações mentais prévias. Neste trabalho argumentarei contra tal redução, ressaltando a relevância do *saber como* na caracterização de ações que podem ser consideradas intrinsecamente inteligentes. Ressaltarei que o *saber como* enquanto conhecimento construído pela experiência no plano da ação não precisa, necessariamente, ser precedido de processos de deliberação supostamente geradores de uma ação inteligente. Para isso, retomaremos alguns exemplos apresentados por Ryle que envolvem conhecimento incorporado. Dentre eles, um exemplo especialmente esclarecedor da postura adotada por Ryle é o de jogador de basquete, o qual apenas conseguirá atingir seu objetivo e desenvolver ações inteligentes no jogo a partir do treinamento, pois o mero conhecimento das regras do jogo, as quais determinam as jogadas corretas, é obviamente insuficiente para formar um jogador habilidoso. Por fim argumentaremos, na esteira de Ryle, que ações inteligentes podem ser consideradas como tais em si mesmas, colocando em xeque a postura internalista intelectualista presente em vários sistemas explicativos da *inteligência* de inspiração dualista.

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

A SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM COMO MEDIADORA DAS EQUIPES DA ÁREA DA SAÚDE COM A PESSOA ASSISTIDA

Eunice Almeida da Silva – Docente da Escola De Artes, Ciências e Humanidades da Universidade De São Paulo, Each-Usp. Email: eunice.almeida@usp.br

Este trabalho propõe conceber a Sistematização da Assistência de Enfermagem (SAE) como uma metodologia capaz de mediar às equipes de saúde com a pessoa assistida. Considera-se cada equipe como um subsistema complexo dinâmico que compõe um macro-sistema. Sistema entendido como “uma entidade constituída por uma coleção de objetos que mantém relações entre si e com objetos de seu meio ambiente, e que possui identidade e um conjunto de características” (BRESCIANI; OTTAVIANO, 2004, p. 4). A primeira tentativa de organizar as ações práticas de enfermagem de modo a trazer resultados comprováveis cientificamente, ocorreu no século XIX por Florence Nithingale; no século XX, nos Estados Unidos, foram criadas as primeiras teorias de enfermagem. No Brasil, na década de 1970, Wanda de Aguiar Horta criou o *Processo de Enfermagem*, caracterizado como uma metodologia com o objetivo de organizar, individualizar a assistência e aproximar a teoria das práticas de enfermagem. O *Processo de Enfermagem* é formado pelas etapas: *histórico de enfermagem, diagnóstico de enfermagem, plano assistencial; prescrição, evolução e prognóstico de enfermagem*. Ao longo dos anos essa metodologia sofreu modificações com o intuito de ajustar-se aos diversos cenários da prática. Estudos, como os de Silva (2004; 2013), têm mostrado que, frequentemente, a SAE é aplicada de maneira estreita favorecendo o predomínio e a relevância de ações técnico-científicas, que geralmente são realizadas de maneira fria e impessoal. Isto reduz as práticas de enfermagem a atividades meramente burocráticas, expressas pelo preenchimento de formulários que compõe a SAE. A proposta de conceber cada equipe da área da saúde como um subsistema complexo, dinâmico que interage consigo mesmo e com outros subsistemas (outras equipes), localizaria a pessoa assistida como “figura principal”, protagonista da assistência prestada por cada equipe. A SAE seria aplicada de maneira a possibilitar a comunicação e as informações entre os subsistemas e desses com a pessoa assistida, o que garantiria o funcionamento do sistema como um todo.

É POSSÍVEL UMA FILOSOFIA DA MENTE EM ARISTÓTELES?

Fred C. Trevisan¹

Cleverson L. Bastos².

¹Professor do Departamento de Filosofia e Doutorando em Filosofia pela PUCPR.

²Professor Titular do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCPR. Email: fredcarlos@hotmail.com

Em seu livro intitulado *the Concept of Mind*, Ryle direciona sua crítica ao que afirmou ser o dogma cartesiano do fantasma na máquina, mostrando que isso deriva de um erro categorial da linguagem ordinária, o qual consiste em querer colocar a mente na mesma categoria conceitual do ente que se encontra separado do corpo. Dessa forma, Ryle apresenta a mente como um misto de disposição ou de habilidade, que, por consequência, afeta uma série de comportamentos objetivamente controláveis. Apesar de Ryle, em seu livro, não ter citado Aristóteles, aparentemente, parece ser possível identificar sua concepção de mente com a concepção de *psykhê* apresentada por Aristóteles no livro *De Anima*, segundo a qual a *psykhê* não se apresenta com uma substância separada do corpo, mas antes é a forma, ou o ato primeiro de um corpo orgânico de um organismo dotado de vida em potência, capacidade de viver (cf. *De An.* II, 1, 412a 27-28). Aristóteles acreditava que o órgão principal dos animais, aquele do qual se serve a *psykhê* para desenvolver toda sua função era o coração. Entretanto, a ciência moderna acabou por mostrar que tal órgão é o cérebro, bem como demonstrou que alguns processos mentais se originam no cérebro, isso graças principalmente aos avanços da neurociência. A *psykhê*, estritamente no sentido aristotélico, é a capacidade do cérebro, ou do organismo inteiro por meio do cérebro, de desenvolvimento de tais processos, que vão das funções mais elementares, as físicas, até as funções mais elevadas e complexas, as psíquicas. É parte da ciência cognitiva, compreender e explicar como se desenvolve tais funções: a diferença entre funções consideradas físicas, ou biológicas e funções consideradas psíquicas, mentais, ou mais especificamente, cognitivas. É neste contexto que a concepção aristotélica da *psykhê* torna-se uma noção atual e, assim, importante para aqueles que buscam analisar os fundamentos das ciências cognitivas a partir da compreensão da mente como forma ou ato primeiro de um corpo orgânico. E, é nessa perspectiva, que o presente trabalho apresenta o seguinte problema: é possível uma Filosofia da Mente em Aristóteles?

CONCEPÇÕES DE CONSCIÊNCIA NA PERSPECTIVA SEMIÓTICA DE PEIRCE

Maria Amélia de Carvalho. Grupo Acadêmico de Estudos Cognitivos – GAEC/UNESP.

Email: mariameliacarvalho@yahoo.com.br

O objetivo deste trabalho é investigar a concepção de consciência proposta por Charles Sanders Peirce (1839-1914). Admitindo que existem três tipos fundamentalmente diferentes de consciência, Peirce indicou a seguinte questão: deve haver algo tríplice na fisiologia do sistema nervoso para explicá-los (CP 1.385). Peirce comentou que nenhum materialismo está implícito nisto, mais do que a dependência íntima da ação da mente sobre o corpo (CP 1.386). Na perspectiva peirciana, dois dos três tipos de consciência, a simples e dupla, recebem uma explicação fisiológica imediata e, sendo assim, o conteúdo protoplasmático de cada célula nervosa tem suas condições de ativo e passivo, e é necessário demonstrar o argumento de que o sentimento (*feeling*) ou consciência imediata surge em um estado ativo de células nervosas (CP 1.386). Desse modo, embora não possamos dizer que cada célula nervosa em sua condição ativa tem sentimento, não há espaço para duvidar de que a atividade de células nervosas é um requisito fisiológico para a consciência (CP 1. 386). O senso de ação e reação, ou o sentido polar, como nós concordamos em chamar-lhe, está claramente relacionado com a descarga de energia nervosa através das fibras nervosas (CP 1. 386). Por outro lado, a Consciência sintética oferece um problema mais difícil (CP1.387). De acordo com Peirce, a consciência sintética genuína, ou o sentido do processo de aprendizagem é o ingrediente de destaque e quintessência da razão e tem sua base fisiológica, evidentemente na propriedade mais característica do sistema nervoso, o poder de adquirir hábitos (CP 1.390). Nesta perspectiva, alguns princípios foram estabelecidos por Peirce e, a nossa proposta será investigar a partir desses princípios, como se distinguem a ação mental da ação mecânica nas concepções peirceanas de consciência.